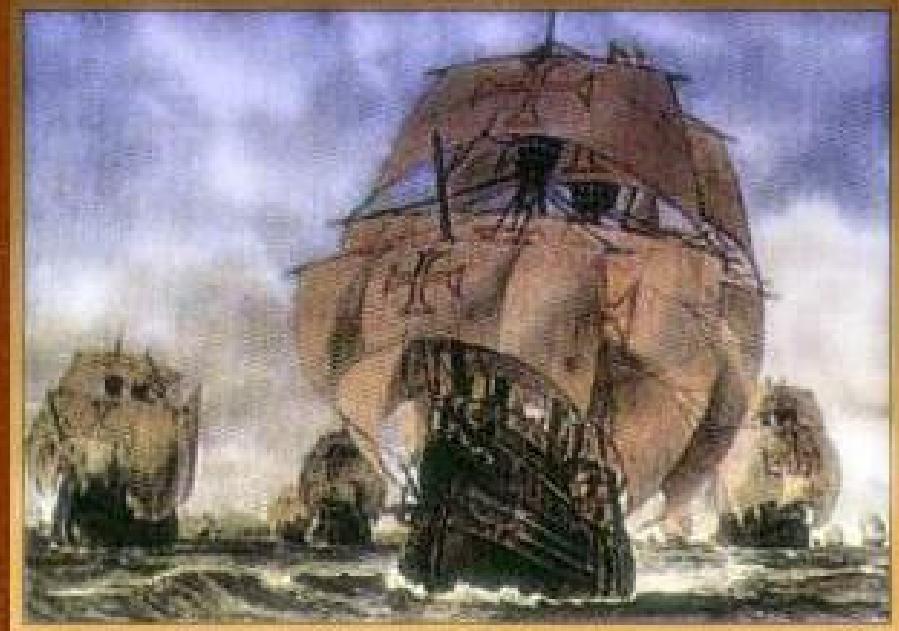


*A minha alma gira em torno da  
minha obra literária - boa ou má,  
que seja, ou que possa ser.  
Tudo o mais na vida tem para mim  
interesse secundário."*

*Fernando Pessoa*

# *MENSAGEM*



*Fernando Pessoa*

# Índice



# Primeira Parte - Brasão



## I – Os Campos ➔

- *Primeiro/ O Dos Castelos* ➔
- *Segundo/ O Das Quinas* ➔

## II – Os Castelos ➔

- *Primeiro/ Ulisses* ➔
- *Segundo/ Viriato* ➔
- *Terceiro/ O Conde D. Henrique* ➔
- *Quarto/ D. Tareja* ➔
- *Quinto/ D. Afonso Henriques* ➔
- *Sexto/ D. Dinis* ➔
- *Sétimo (I)/ D. João O Primeiro* ➔
- *Sétimo (II)/ D. Filipa De Lencastre* ➔

## III – As Quinas ➔

- *Primeira/ D. Duarte, Rei de Portugal* ➔
- *Segunda/ D. Fernando, Infante de Portugal* ➔
- *Terceira/ D. Pedro, Regente de Portugal* ➔
- *Quarta/ D. João, Infante de Portugal* ➔
- *Quinta/ D. Sebastião, Rei de Portugal* ➔

## IV – a Coroa ➔

- *Nunálvares Pereira* ➔

## V – O Timbre ➔

- *A Cabeça Do Grifo/ O Infante D. Henrique* ➔
- *Uma Asa Do Grifo/ D. João O Segundo* ➔
- *A Outra Asa Do Grifo/ Afonso De Albuquerque* ➔



# Segunda Parte – Mar Português



- I – O Infante ➔
- II – Horizonte ➔
- III – Padrão ➔
- IV – Mostengo ➔
- V – Epítafio De Bartolomeu Dias ➔
- VI – Os Colombos ➔
- VII – Ocidente ➔
- VIII – Fernão De Magalhães ➔
- IX – Ascensão de Vasco Da Gama ➔
- X – Mar Português ➔
- XI – A última Nau ➔
- XII – Prece ➔



# Terceira Parte – O Encoberto ➔

## I – Os Símbolos ➔

- *Primeiro/ D. Sebastião* ➔
- *Segundo/ O Quinto Império* ➔
- *Terceiro/ O Desejado* ➔
- *Quarto/ As Ilhas Afortunadas* ➔
- *Quinto/ O Encoberto* ➔

## II – Os Avisos ➔

- *Primeiro/ O Bandarra* ➔
- *Segundo/ António Vieira* ➔
- *Terceiro* ➔

## III – Os Tempos ➔

- *Primeiro/ Noite* ➔
- *Segundo/ Tormenta* ➔
- *Terceiro/ Calma* ➔
- *Quarto/ Antemanhã* ➔
- *Quinto/ Nevoeiro* ➔



# Primeira Brasão

## Parte



## I- os campos

- *Primeiro/ O dos Castelos* ➔
- *Segundo/ O das Quinas* ➔



## Primeiro / O dos Castelos

*A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.*

*O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.*

*Fita, com olhar esfíngico e fatal,  
Ocidente, futuro do passado.*

*O rosto com que fita é Portugal.*

8-12-1928



## *Segundo/ O das Quinas*

*Os Deuses vendem quando dão.  
Compra-se a glória com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!*

*Baste a quem baste o que lhe basta  
O bastante de lhe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar.*

*Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Cristo definiu:  
Assim o opôs à Natureza  
E Filho o ungiu.*

*08/12/1928*



*Apollo and Saperdon  
Jean Simon Berthélemy*



## II – Os Castelos

- *Primeiro/ Ulisses* ➔
- *Segundo/ Viriato* ➔
- *Terceiro/ O conde D. Henrique*
- *Quarto/ D. Tareja* ➔
- *Quinto/ D. Afonso Henriques*
- *Sexto/ D. Dinis* ➔
- *Sétimo (I)/ D. João o Primeiro* ➔
- *Sétimo (II)/ D. Filipa De Lencastre* ➔



## Primeiro/ Ulisses

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo –  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.



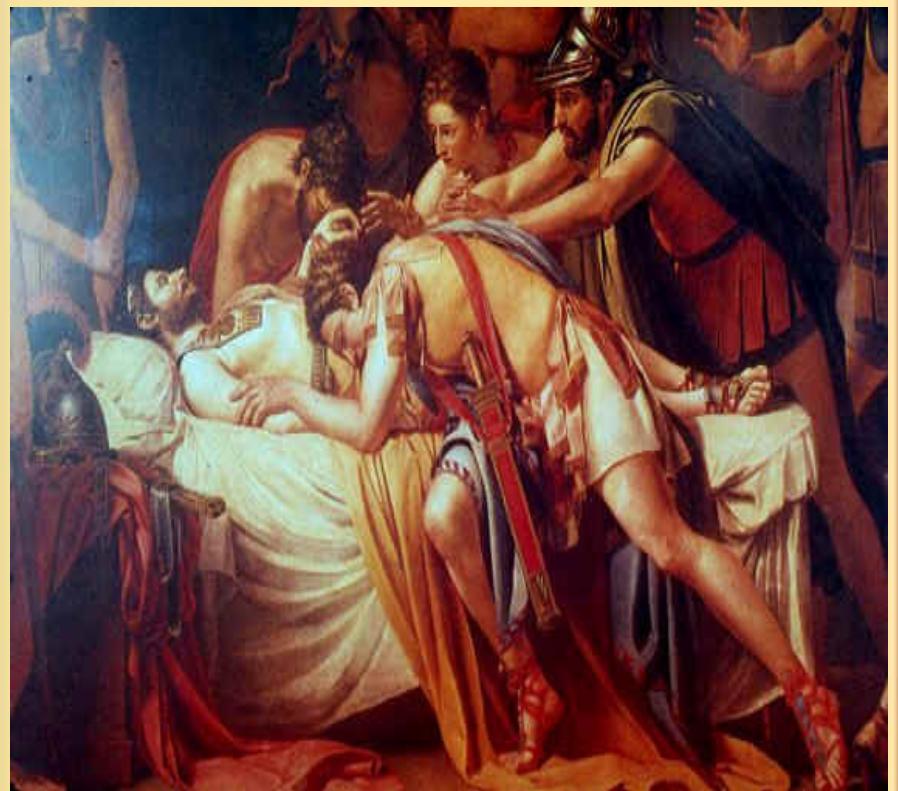
## *Segundo/ Viriato*

*Se a alma que sente e faz conhece  
Só porque lembra o que esqueceu,  
Vivemos, raça, porque houvesse  
Memória em nós do instinto teu.*

*Nação porque reincarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que eras a haste -  
Assim se Portugal formou.*

*Teu ser é como aquela fria  
Luz que precede a madrugada,  
E é já o ir a haver o dia  
Na antemanhã, confuso nada.*

22/01/1934



## *Terceiro/ O Conde D. Henrique*

*Todo começo é involuntário.*

*Deus é o agente.*

*O herói a si assiste, vário  
E inconsciente.*

*À espada em tuas mãos achada  
Teu olhar desce.  
«Que farei eu com esta espada?»*

*Ergueste-a, e fez-se.*



## Quarto/ D. Tareja

*As nações todas são mistérios.  
Cada uma é todo o mundo a sós.  
Ó mãe de reis e avó de impérios.  
Vela por nós!*

*Teu seio augusto amamentou  
com bruta e natural certeza  
O que, imprevisto, Deus fadou.  
Por ele reza!*

*Dê tua prece outro destino  
A quem fadou o instinto teu!  
O homem que foi o teu menino  
Envelheceu.*

*Mas todo vivo é eterno infante  
Onde estás e não há o dia.  
No antigo seio, vigilante,  
De novo o cria!*



## *Quinto/ D. Afonso Henriques*

*Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro  
E a tua inteira força!*

*Dá, contra a hora em que, errada,  
Novos infiéis vençam,  
A bênção como espada,  
A espada como bênção !*



## *Sexto/ D. Dinis*

*Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio mûrmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.*

*Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.*

*09/02/1934*



## Sétimo (I)/ D. João o Primeiro

O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a história é feita.  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo  
Que Portugal foi feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.

12/02/1934



D. João I



## *Sétimo (II)/D. Filipa de Lencastre*

*Que enigma havia em teu seio  
Que só génios concebia?  
Que arcanjo teus sonhos veio  
Velar, maternos, um dia?*

*Volve a nós teu rosto sério,  
Princesa do Santo Gral,  
Humano ventre do Império,  
Madrinha de Portugal!*

*26/09/1928*



### III – As Quinas

- *Primeira/ D. Duarte, Rei De Portugal* ➔
- *Segunda/ D. Fernando, Infante De Portugal* ➔
- *Terceira/ D. Pedro, Regente De Portugal* ➔
- *Quarta/ D. João, Infante De Portugal* ➔
- *Quinta/ D. Sebastião, Rei De Portugal* ➔



## *Primeira/ D. Duarte, Rei De Portugal*

*Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuloso e fundo.*

*Firme em minha tristeza, tal vivi.  
Cumpri contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumpri.*

*26/09/1928*



## *Segunda/ D. Fernando, Infante De Portugal*

*Deu-me Deus o seu gládio, por que eu faça  
A sua santa guerra.*

*Sagrhou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.*

*Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte com um olhar;  
E essa febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
dentro de mim a vibrar.*

*E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face clara.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.*

*21/07/1913*



## Terceira/ D. Pedro, Regente De Portugal

*Claro em pensar, e claro no sentir,  
E claro no querer;  
Indiferente ao que há em conseguir  
Que seja só obter;  
Dúplice dono, sem me dividir,  
De dever e de ser -*

*Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus.  
Assim vivi, assim morri, a vida,  
Calmo sob mudos céus,  
Fiel à palavra dada e à ideia tida.  
Tudo o mais é com Deus!*

15/02/193



## Quarta/ D. João, Infante De Portugal

*Não fui alguém. Minha alma estava estreita  
Entre tão grandes almas minhas pares,  
Inutilmente eleita,  
Virgemmente parada;*

*Porque é do português, pai de amplos mares,  
Querer, poder só isto:  
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita -  
O todo, ou o seu nada.*

28/03/1930



## Quinta/ D. Sebastião, Rei De Portugal

*Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está  
Ficou meu ser que houve, não o que há.*

*Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?*

20/02/1933



#### IV – A Coroa

- *Nunálvares Pereira* ➔



## Nunálvares Pereira

*Que auréola te cerca?  
É a espada que, volteando.  
Faz que o ar alto perca  
Seu azul negro e brando.*

*Mas que espada é que, erguida,  
Faz esse halo no céu?  
É Excalibur, a ungida,  
Que o Rei Artur te deu.*

*'Sperança consumada,  
S. Portugal em ser,  
Ergue a luz da tua espada  
Para a estrada se ver!*

08/12/1928



## V – o Timbre

- *A cabeça do Grifo/ O Infante D. Henrique* ➔
- *Uma asa do Grifo/ D. João o Segundo* ➔
- *A outra asa do Grifo/ Afonso De Albuquerque* ➔



## *A cabeça do Grifo/O Infante D. Henrique*

*Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras -  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.*

26/09/1928



## *Uma asa do Grifo/ D. João o Segundo*

*Braços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra -  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.*

*Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu,  
E parece temer o mundo vário  
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.*

*26/09/1928*



## *A outra asa do Grifo/Afonso De Albuquerque*

*De pé, sobre os países conquistados  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Não pensa em vida ou morte,  
Tão poderoso que não quer o quanto  
Pode, que o querer tanto  
Calcará mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.  
Criou-os como quem desdenha.*

26/09/1928



*Segunda Parte*  
*Mar*  
*Português*



- I – O Infante ➔
- II – Horizonte ➔
- III – Padrão ➔
- IV – O Mostrengo ➔
- V – Epitáfio De Bartolomeu Dias
- VI – Os Colombos ➔
- VII – Ocidente ➔
- VIII – Fernão De Magalhães ➔
- IX – Ascensão de Vasco Da Gama ➔
- X – Mar Português ➔
- XI – A Ultima Nau ➔
- XII – Prece ➔



## I- O Infante

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrhou-te, e foste desvendando a espuma.  
E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente.  
Surgir, redonda, do azul profundo.*

*Quem te sagrou criou-te português.  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
Cumpriu-se o Mar, e o império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!*



## II - Horizonte

Ó mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa –  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores;  
E, no desembarcar, há aves. Flores,  
Onde era só, de longe a abstracta linha.  
O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esperança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –  
Os beijos merecidos da Verdade



### III - Padrão

O esforço é grande e o homem é pequeno.

Eu, Diogo Cão, navegador, deixei

Este padrão ao pé do areal moreno

E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.

Este padrão sinala ao vento e aos céus

Que, da obra ousada, é minha a parte feita:

O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano

Ensoram estas Quinas, que aqui vês,

Que o mar com fim será grego ou romano:

O mar sem fim é português.

E a cruz ao alto diz que o que me há na alma

E faz a febre em mim da navegar

Só encontrará de Deus na eterna calma

O porto sempre por achar.

13/09/1918

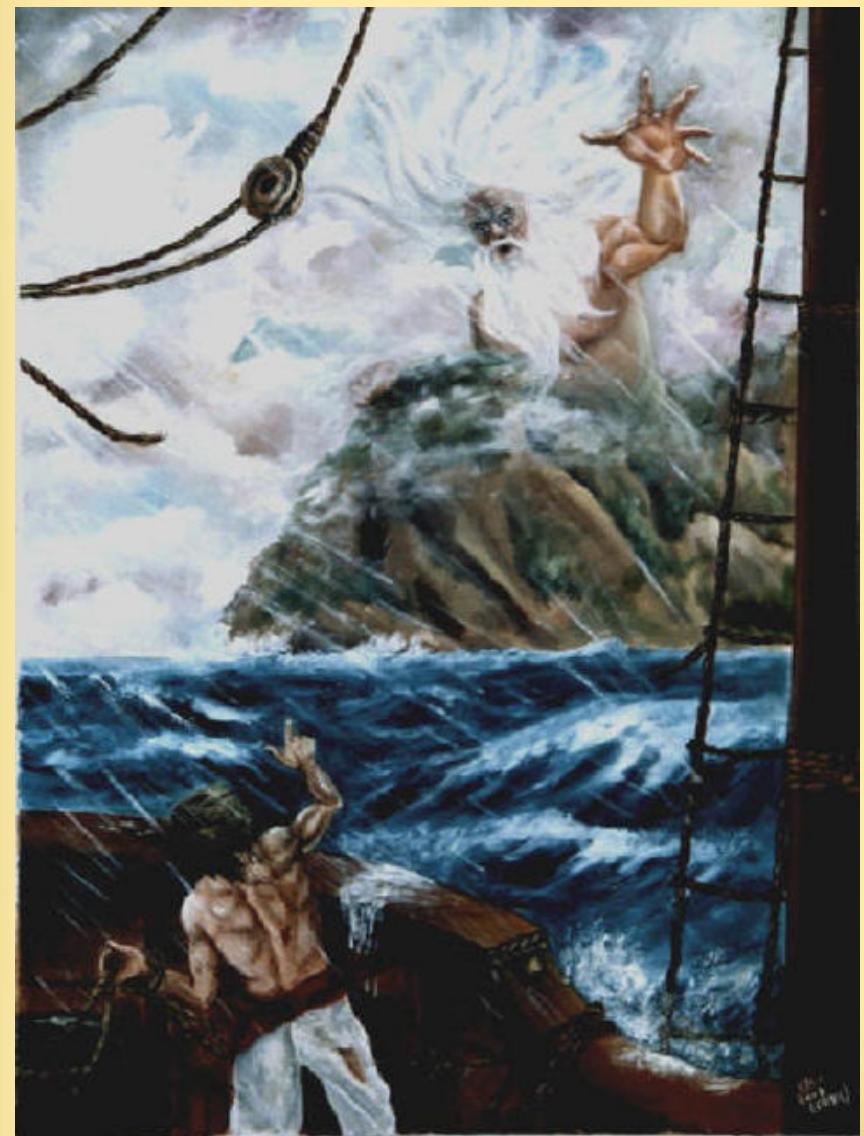


## IV - O Mostrengo

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
Á roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse, « Quem ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tectos negros do fim do mundo? »  
E o homem do leme disse, tremendo,  
» El - Rei D. João Segundo! »

» De quem são as velas onde me roço?  
De quem as quilhas que vejo e ouço? »  
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso,  
» Quem vem poder o que só eu posso,  
Que eu moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo? »  
E o homem do leme tremeu, e disse,  
» El - Rei D. João Segundo! »

Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as reprende,  
E disse no fim de tremer três vezes, »  
» Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um Povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo,  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El - Rei D. João Segundo ! »



## *V – Epitápio de Bartolomeu Dias*

*Jaz aqui, na pequena praia extrema,  
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,  
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!  
Atlas, mostra o alto do mundo no seu  
ombro.*



## VI – Os Colombos

*Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.  
Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,  
Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado.*

*Mas o que a eles não toca  
É a magia que evoca  
O Longe e faz dele história.  
E por isso a sua glória  
É justa auréola dada  
Por uma luz emprestada,*

02/04/1934

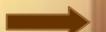
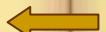


## VII - Ocidente

*Com duas mãos – o Acto e o Destino –  
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o facho trémulo e divino  
E a outra afasta o véu.*

*Fosse a hora que haver ou a que havia  
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,  
Foi alma a Ciência e corpo a Ousadia  
Da mão que desvendou.*

*Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo de Portugal  
Da mão que o conduziu.*



## VIII – Fernão De Magalhães

*No vale clareia uma fogueira.  
Uma dança sacode a terra inteira.  
E sombras disformes e descompostas  
Em clarões negros do vale vão  
Subitamente pelas encostas,  
Indo perder-se na escuridão.*

*De quem é a dança que a noite aterra?  
São os titãs, os filhos da Terra,  
Que dançam da morte do marinheiro  
Que quis cingir o materno vulto –  
Cingi-lo, dos homens, o primeiro \_,  
Na praia ao longe por fim sepulso.*

*Dançam, nem sabem que a alma ousada  
Do morto ainda comanda a armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:  
Que até ausente soube cercar  
A terra inteira com seu abraço.*

*Violou a Terra. Mas eles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras disformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do vale pelas encostas  
Dos mudos montes.*

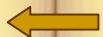


## IX – Ascensão De Vasco Da Gama

*Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra  
Suspendem de repente o ódio da sua guerra  
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus  
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,  
Primeiro um movimento e depois um assombro.  
Ladeiam-o, ao durar, os medos, ombro a ombro,  
E ao longe o rasto ruge em nuvens e clarões.*

*Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta  
Cai-she, e em extase vê, á luz de mil trovões,  
O céu abrir o abismo á alma do Argonauta.*

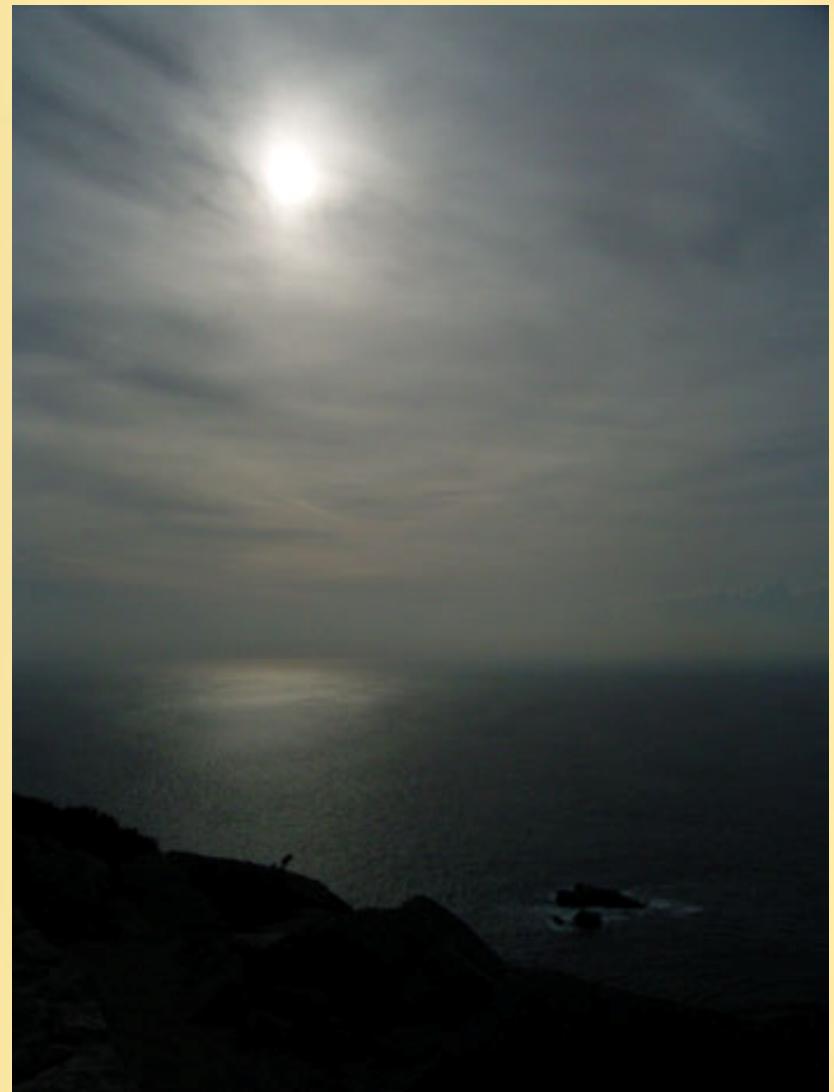
10/01/1922



## X – Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*



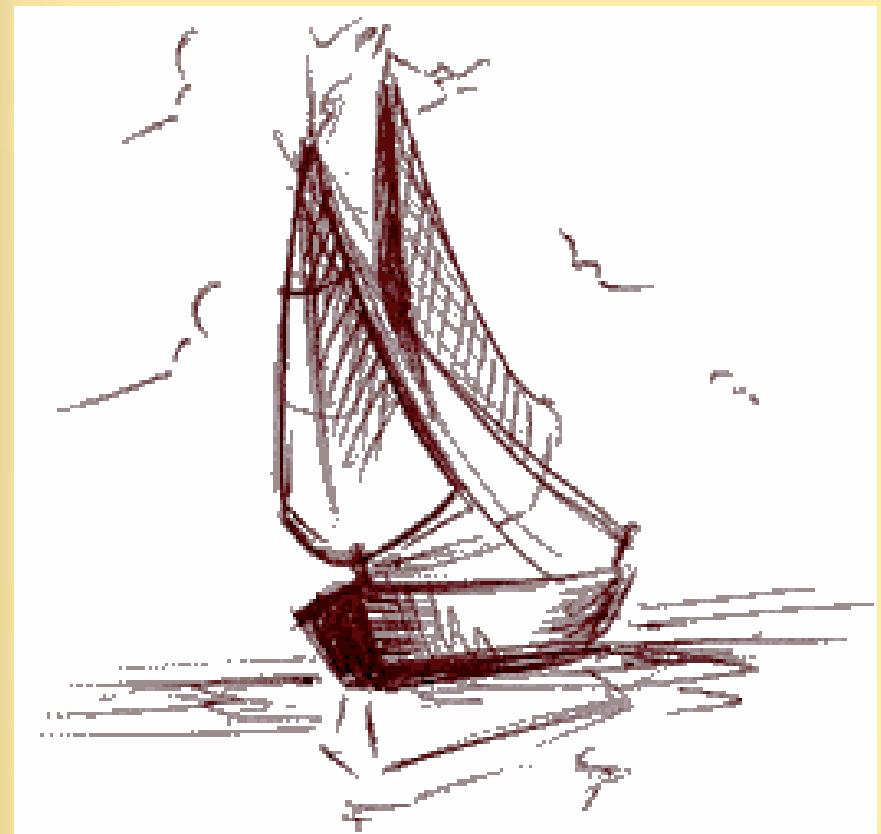
## XI – A Última Nau

Levando a bordo El – Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros da ânsia e de pressago  
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.

Não sei, mas sei que há a hora,  
Demore-a Deus, chama-lhe a alma embora  
Mistério  
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.



## XII - Prece

*Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam –nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.*

*Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.*

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistaremos a Distância –  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

*31/12/1921 – 01/01/1322*



# *O Encoberto*

*Terceira*

*Parte*



## I - Os Símbolos

- *Primeiro/ D. Sebastião* ➔
- *Segundo/ O Quinto Império* ➔
- *Terceiro/ O Desejado* ➔
- *Quarto/ As Ilhas Afortunadas* ➔
- *Quinto/ O Encoberto* ➔



## *Primeiro/ D. Sebastião*

*Sperai! Caí no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.*

*Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura  
É Esse que regressarei.*



## Segundo/ O Quinto Império

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz –  
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa - os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?



## *Terceiro/ O Desejado*

*Onde quer que, entre sombras e dizeres,  
Jazas, remoto, sente-se sonhado,  
E ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado!*

*Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,  
Mas já no auge da suprema prova,  
À alma penitente do teu povo  
À Eucaristia Nova.*

*Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,  
Excalibur do Fim, em jeito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido  
Revele o Santo Gral!*



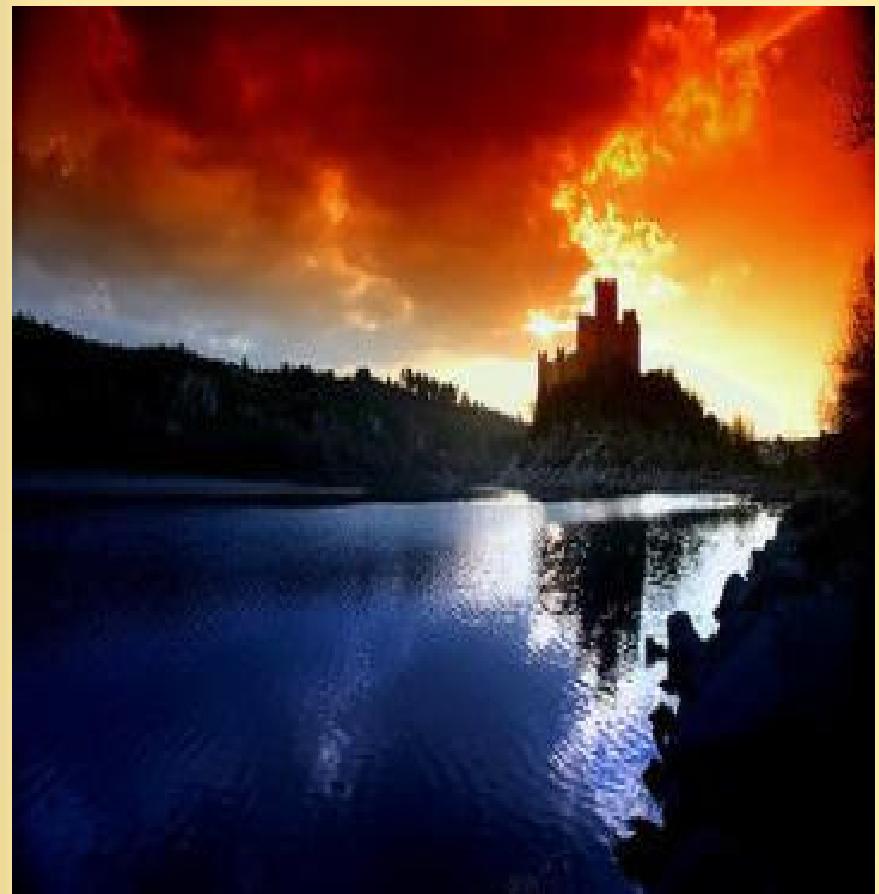
## Quarto/ As Ilhas Afortunadas

*Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
E a voz de alguém que nos fala,  
Mas que, se escutarmos, cala,  
Por ter havido escutar.*

*E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos  
Que ela nos diz a esperança  
À que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.*

*São ilhas afortunadas  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando,  
Cala a voz, e há só o mar.*

26/03/1934



## *Quinto/ O Encoberto*

*Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.*

*Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa que é o Cristo.*

*Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.*

*21/02/1933 – 11/02/1934*



## II – Os Avisos

- *Primeiro/ O Bandarra* ➔
- *Segundo/ António Vieira* ➔
- *Terceiro* ➔



## *Primeiro/ O Bandarra*

*Sonhava, anónimo e disperso,  
O Império por Deus mesmo visto,  
Confuso como o Universo  
E plebeu como Jesus Cristo.*

*Não foi nem santo nem herói,  
Mas Deus sagrou com Seu sinal  
Este, cujo coração foi  
Não português, mas Portugal.*

*28/03/1930*



## *Segundo/ António Vieira*

*O céu strela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e à glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.*

*No imenso espaço seu de meditar,  
Constelado de forma e de visão,  
Surge, prenúncio claro do luar,  
El-Rei D. Sebastião.*

*Mas não, é luar: é luz do etéreo.  
É um dia; e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.*

*31/07/1929*



## Terceiro

*Screvo meu livro à beira-mágoa.  
Meu coração não tem que ter.  
Tenho meus olhos quentes de água.  
Só tu, Senhor, me dás viver.*

*Só te sentir e te pensar  
Meus dias víacos enche e doura.  
Mas quando quererás voltar?  
Quando é o Rei? Quando é a Hora?*

*Quando virás a ser o Cristo  
De a quem morreu o falso Deus,  
E a despertas do mal que existo  
A Nova Terra e os Novos Céus?*

*Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tornar-me mais que o sopro incerto  
De um grande anseio que Deus fez?*

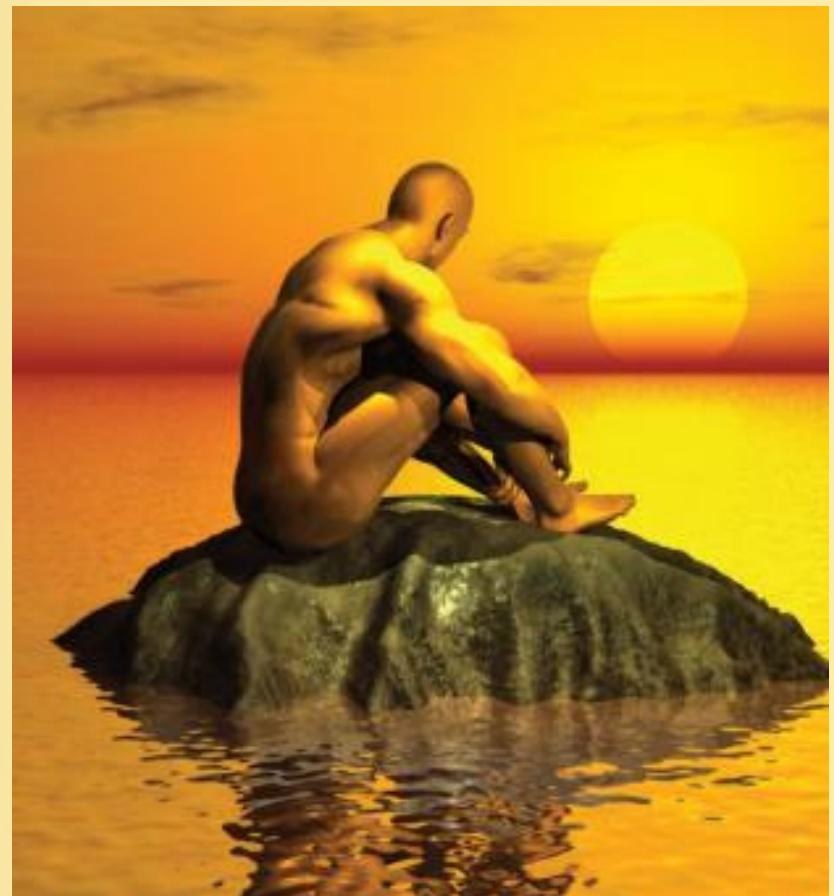
*Ah, quando quererás voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor?*

10/12/1928



### III – Os Tempos

- *Primeiro/ noite* ➔
- *Segundo/ Tormenta* ➔
- *Terceiro/ calma* ➔
- *Quarto/ Antemanhã* ➔
- *Quinto/ nevoeiro* ➔



## Primeiro/ Noite

*A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.*

*Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.*

★

*Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o vêem, vêem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.*

★



*Cont*[\*Di\*](#)



*Senhor, os dois irmãos do nosso Nome -  
O Poder e o Renome -  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.*

*Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
À Deus as mãos alçamos.*

*Mas Deus não dá licença que partamos.*



## *Segundo/ Tormenta*

*Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?  
Nós, Portugal, o poder ser.  
Que inquietação do fundo nos soergue?  
O desejar poder querer.*

*Isto, e o mistério de que a noite é o fausto...  
Mas súbito, onde o vento ruge,  
O relâmpago, farol de Deus, um fausto  
Brilha e o mar scuro struge.*

26/02/1934

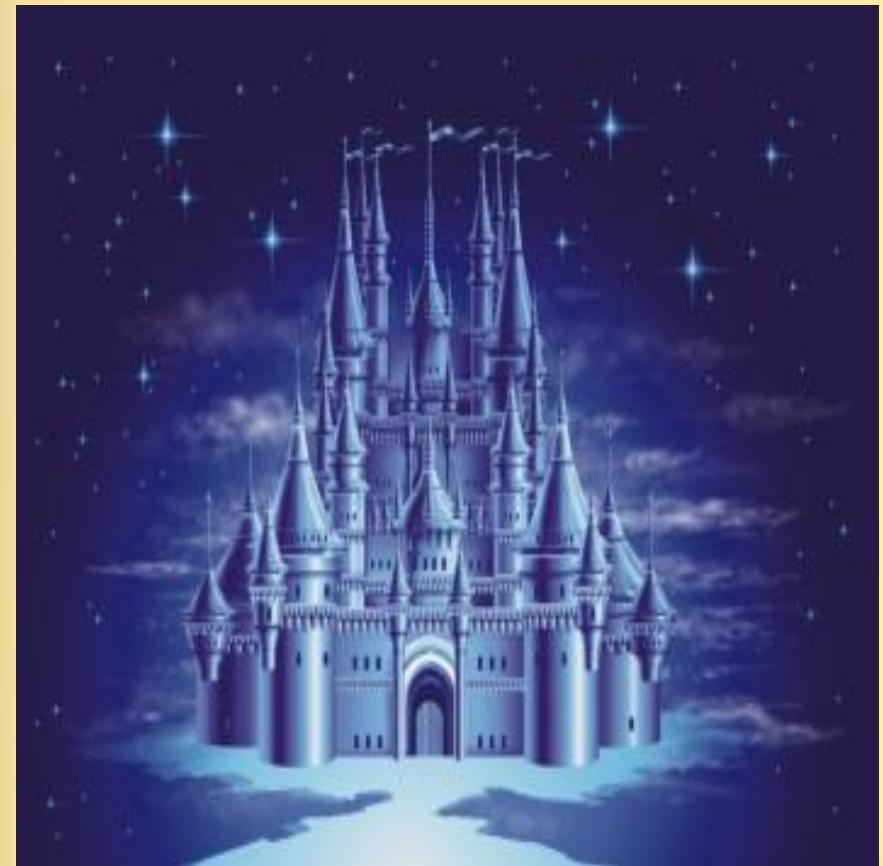


## Terceiro/ Calma

Que costa é que as ondas contam  
E se não pode encontrar  
Por mais naus que haja no mar?  
O que é que as ondas encontram  
E nunca se vê surgindo?  
Este som de o mar praiar  
Onde é que está existindo?

Ilha próxima e remota,  
Que nos ouvidos persiste,  
Para a vista não existe.  
Que nau, que armada, que frota  
Pode encontrar o caminho  
À praia onde o mar insiste,  
Se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço  
Que dêem para outro lado,  
E que, um deles encontrado,  
Aqui, onde há só sargaço,  
Surja uma ilha velada,  
O país afortunado  
Que guarda o Rei desterrado  
Em sua vida encantada?



15/02/1934



## Quarto / Antemanhã

*O mostrengo que está no fim do mar  
Veio das trevas a procurar  
A madrugada do novo dia,  
Do novo dia sem acabar;  
E disse, «Quem é que dorme a lembrar  
Que desvendou o Segundo Mundo  
Nem o Terceiro quer desvendar?»*

*E o som na treva de ele rodar  
Faz mau o sono, triste o sonhar,  
Rodou e foi-se o mostrengo servo  
Que seu senhor veio aqui buscar.  
Que veio aqui seu senhor chamar-  
Chamar Aquele que está dormindo  
E foi outrora Senhor do Mar.*

08/07/1933



## Quinto/ Nevoeiro

*Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer-  
Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogo-fátuo encerra.*

*Ninguém sabe que coisa quer.  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

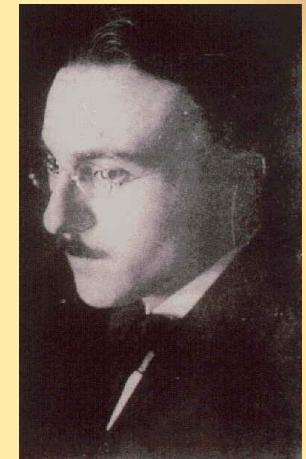
*É a Hora!*

*Valete, Frates.*

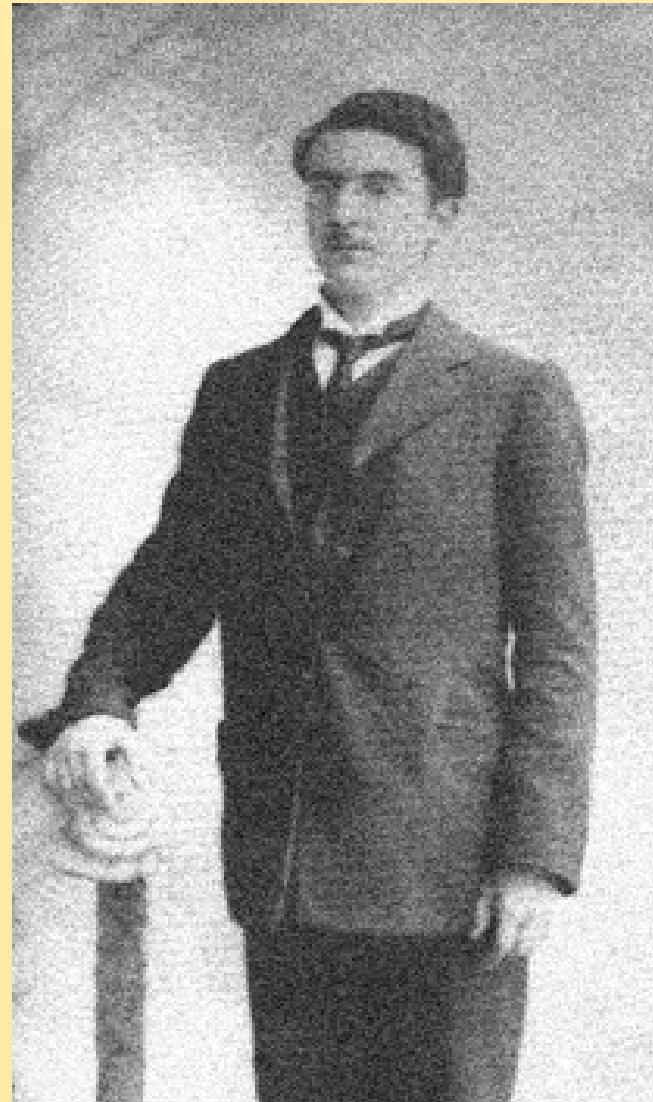
10/12/1928



# Biografia do autor



- 1888: Nasce Fernando António Nogueira Pessoa, em Lisboa.
- 1893: Perde o pai.
- 1895: A mãe casa-se com o comandante João Miguel Rosa. Partem para Durban, África do Sul.
- 1904: Recebe o Prémio Queen Memorial Victoria, pelo ensaio apresentado no exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança.
- 1905: Regressa sozinho a Lisboa.
- 1912: Estreia-se na Revista Águia.
- 1915: Funda, com alguns amigos, a revista *Orpheu*.
- 1918/21: Publicação dos *English Poems*.
- 1925: Morre a mãe do poeta.
- 1934: Publica *Mensagem*.
- 1935: Morre de complicações hepáticas em Lisboa



# Trabalho Realizado Por:

- *Anabela Neto* Nº 8
- *Anabela Teles* Nº9
- *Márcia Melo* Nº29

12ºA



LAdesognes/06